

EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA: DESVELANDO A PRÁTICA DOCENTE VIRTUAL

Djavan Antério**

Resumo

Este artigo objetiva transpor e disseminar importantes conceitos e princípios que puderam ser identificados a partir da prática docente a distância. Por meio de um processo de interação didático-pedagógica com alunos e educadores, constatou-se diferentes impressões dessa modalidade de ensino, referindo-se fundamentalmente aos aspectos de adaptação ao meio virtual; assimilação das tecnologias de informação e comunicação; e a relação professor-aluno propriamente dita. Valendo-se de estudos sobre a temática, de forma crítica e reflexiva, apresenta-se sugestões de como superar empecilhos comuns e inerentes ao período inicial da prática docente a distância. Trata-se de um relato de experiência, ancorado em metodologias que aborda a intervenção docente a distância, pesquisadas e difundidas na literatura especializada. Em caráter conclusivo do estudo, são sinalizadas considerações na perspectiva de contribuir para a otimização da prática docente virtual.

Palavras-chave: Educação a distância. Professor. Prática docente.

INTRODUÇÃO

Modalidade de ensino em ascensão no Brasil e no mundo, a educação a distância (EaD) vem atingindo alguns de seus principais propósitos: a oferta abrangente da formação educacional para áreas pouco favorecidas, principalmente no que se refere ao fator geográfico. Esse crescimento desencadeia diferentes necessidades estruturais e organizacionais, dentre elas a questão dos polos de ensino, com tecnologias de informação e comunicação (TIC) disponíveis; professores qualificados e capacitados para a modalidade; e planejamentos (método-didático-pedagógico) específicos para o ensino a distância (MARTINS, 2008).

Atualmente, faço parte desse cenário atuando como professor (tutor/mediador). Após uma seleção devidamente formalizada, iniciei minha atuação no ensino a distância no curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba (UFPBVirtual). Passados dois anos desde o ingresso nessa modalidade de ensino, pude evidenciar alguns dos desafios e dificuldades que até então só conhecia por depoimentos, livros e/ou capacitações. É justamente sobre tal contexto que me dedico a discutir neste artigo. Trata-se, portanto, de um relato de experiência, ancorado em metodologias que abordam a intervenção docente a distância, pesquisadas e difundidas na literatura especializada.

* Doutorando e mestre em Educação; docente do Departamento de Educação Física (DEF/UFPB) e do Departamento de Pedagogia (modalidade a distância/UFPB). E-mail: djavananterio@gmail.com.

Partindo da premissa de que aprendemos com a prática, mas também pela prática de outros, propus-me a elucidar algumas das dificuldades que enfrentei no primeiro ano como “professor virtual”. Evidencio as primeiras impressões da modalidade de ensino, explorando fundamentalmente os aspectos da adaptação (método-didático-pedagógica) ao meio virtual; a assimilação das tecnologias de informação e comunicação; e a relação professor-aluno propriamente dita. O intuito fundamental deste relato é transpor e disseminar alguns importantes conceitos e princípios que emergiram em minha prática docente e também dos constantes diálogos realizados tanto com os alunos, como com outros colegas educadores também atuantes na referida modalidade.

Valendo-me de alguns autores especialistas sobre a temática abordada – Belloni (2001), Amaral (2002), Nunes (2009) e Alves (2009) –, de forma crítica e reflexiva, apresento sugestões de como lidar com empecilhos comuns e inerentes ao período inicial da prática docente a distância. Início com uma contextualização da EaD, discutindo sobre sua atuação no mundo, no Brasil e no estado no qual exerço a função de professor a distância, Paraíba. Posteriormente, trato de minhas primeiras intervenções enquanto professor a distância, os desafios no percurso e, por fim, sinalizo algumas considerações finais na perspectiva de contribuir para a ação dos docentes que se desafiam a ensinar por meio dessa modalidade.

1. CONTEXTUALIZANDO-SE NA EAD: MUNDO, BRASIL E PARAÍBA

A EaD, de acordo com Belloni (2001), pode ser conceituada como sendo uma modalidade de ensino que permite que o aprendizado aconteça sem que se necessite a presença física de seus participantes (professor e aluno) no ambiente de ensino-aprendizagem. Seu aspecto

ideológico caracteriza-se pelo estabelecimento de uma comunicação de múltiplas vias, usando das diversas possibilidades tecnológicas como forma alternativa para superar limites de tempo e espaço. Assim, ainda segundo a autora, a educação deixa de ser concebida como mera transferência de informações e passa a ser norteada pela contextualização de conhecimentos úteis ao aluno.

Autores como Amaral (2002) enfatizam que, como público-alvo, a EaD foca-se principalmente em adultos que trabalham; pessoas que, por inúmeros motivos, não podem deixar suas casas; pessoas com deficiências físicas; e populações de áreas de povoamento disperso ou que, simplesmente, se encontram distantes de instituição de ensino. Entretanto, com a crescente difusão da modalidade, vem ascendendo também as características da demanda que a ela recorre.

Acerca de sua historicidade, segundo Nunes (2009), provavelmente a primeira notícia que se registrou da introdução desse novo método de ensinar foi o anúncio das aulas por correspondência ministrada por Celeb Philips em 20 de março de 1728, na *Gazeta de Boston*, EUA, que enviava suas lições todas as semanas para alunos inscritos. Depois, em 1840, na Grã-Bretanha, Isaac Pitman ofereceu um curso de taquigrafia por correspondência. Em 1880, o Skerry's College ofereceu cursos preparatórios para concursos públicos. Com o passar dos anos, a EaD veio se aperfeiçoando, até chegar aos modelos mais atuais e sendo adotada por mais de oitenta países nos cinco continentes, inserindo-se em todos os níveis, em sistemas formais e não formais de ensino. Dentre os países que aderem a essa modalidade de ensino, podemos destacar a Suécia, Austrália, México, Alemanha, Venezuela e Brasil.

No Brasil, a EaD é marcada por uma trajetória de sucessos, não obstante a existência de alguns momentos de estagnação provocados por ausências de políticas públicas para o setor. Registros históricos já colocaram o Brasil entre os principais do mundo no desenvolvimento

da EaD, especialmente até os anos 1970. Entretanto, a partir de tal período, outras nações avançaram, enquanto o Brasil estagnou. Somente no final do milênio é que as ações positivas voltaram a acontecer, gerando um novo crescimento dessa modalidade (ALVES, 2009). De acordo com Alves (2009), pesquisas mostram que, pouco antes de 1900, já existiam anúncios em jornais de circulação no Rio de Janeiro oferecendo cursos profissionalizantes por correspondência. Eram cursos de datilografia ministrados não por estabelecimentos de ensino, mas por professores particulares. Em 1923, foi fundada a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro. Tratava-se de uma iniciativa privada e que teve pleno êxito, mas trazia preocupações para governantes, tendo em vista a possibilidade de transmissão de programas considerados subversivos. Com isso, o movimento civil-militar de 1964 abortou grandes iniciativas e o sistema de censura praticamente liquidou a rádio educativa brasileira. Tal fato justifica nossa queda no *ranking* internacional de EaD.

Na década de 1970, a Fundação Roberto Marinho alavancou novamente a EaD no Brasil por meio de um programa de educação supletiva a distância, para ensino fundamental e ensino médio. Entre as décadas de 1970 e 1980, fundações privadas e organizações não governamentais iniciaram a oferta de cursos supletivos a distância, no modelo de teleeducação, com aulas via satélite complementadas por kits de materiais impressos, demarcando a chegada da segunda geração de EaD no país. A maior parte das instituições de ensino superior brasileiro mobilizou-se para a EaD com o uso de novas tecnologias da comunicação e da informação somente na década de 1990.

Em 1992, foi criada a Universidade Aberta de Brasília (Lei 403/92), visando atingir três campos distintos: (i) a ampliação do conhecimento cultural com a organização de cursos específicos de acesso a todos; (ii) a educação continuada, reciclagem profissional às

diversas categorias de trabalhadores e àqueles que já passaram pela universidade; e (iii) o ensino superior, englobando tanto a graduação como a pós-graduação. Em 1994, teve início a expansão da internet no ambiente universitário. Dois anos depois, surgiu a primeira legislação específica para EaD no ensino superior. Trazendo o foco para o estado no qual atuo como professor a distância, Paraíba, a EaD vem ampliando seu espaço, principalmente no âmbito acadêmico. A UFPBVirtual, instituição maior no que se refere ao ensino superior, integra o Sistema Universidade Aberta do Brasil (UAB) com a oferta de sete cursos de licenciatura na modalidade a distância. Dentre eles, temos Matemática, Letras, Libras, Pedagogia e Ciências Biológicas. O foco da ação é a formação (graduação) de professores leigos atuantes nas escolas públicas e o atendimento da enorme massa de jovens e adultos que residem no interior do estado e que não têm acesso à educação superior pública. Para cada um desses segmentos, são destinadas 50% das vagas ofertadas a cada ano no vestibular. Assim como em outras instituições públicas de ensino, o quadro docente da UFPBVirtual é formado majoritariamente por professores doutores da própria UFPB e conta ainda com apoio de tutores presenciais em todos os polos de apoio presencial e tutores a distância.

2. PRIMEIROS PASSOS COMO PROFESSOR A DISTÂNCIA

De imediato, um fator que causa impacto para um professor que inicia sua atuação no meio da EaD é o estranhamento do ambiente. Refiro-me ao mundo novo da imaterialidade do chão sólido, das mesas e cadeiras, do quadro-negro, do giz/pincel, dos alunos em carne e osso. De fato, é complicado para quem nunca teve tal experiência romper com toda uma tradição educacional histórica que se dava comumente em uma “caixa

de concreto”, contextualiza por inúmeros adereços, caracterizando-se como uma tradicional sala de aula.

Quanto a isso, o primordial é não negar a novidade. O estranhamento será inerente ao processo, mas é fundamental que o preconceito, a cisma, o melindre ou até mesmo o medo, sejam superados. E para que isso se proceda sem tropeços e com um mínimo de trauma, é importante que ocorra de forma gradativa. Prendamo-nos à prerrogativa de Morin (2000), afirmando que o pensamento complexo deve agregar-se, unir-se, e não conflitar-se através das diferenciações.

A esse respeito, Martins (2008) argumenta que cada professor deve estar consciente de que a cultura de comunicação e de partilha, em relação às necessidades de adquirir qualificação, conclama dos profissionais um esforço para cumprir seu novo papel diante das inovações tecnológicas e da incorporação dessas ideias no cotidiano. Segundo a autora, o trabalho do professor em EaD oportuniza a criação de redes de conexões e nexos internos dos conhecimentos. Isso desencadeia uma ampliação e criação de novos espaços e possibilidades de aprendizagem.

Um fator delicado nesse contexto é justamente o afrente às inovações tecnológicas. Entretanto, é importante fixar o pensamento de Freire (1999) ao explanar que ensinar é ensinar, independente do meio (lócus). Em consonância com o dito, Soares (2001) fundamenta que, para um professor ser considerado pedagogicamente hábil para determinada atuação, é necessário, sobretudo, que sua ação docente se defina não apenas pela ação de ensinar, mas a partir da identificação e compreensão dos processos de aprendizagem de um determinado objeto de educação e pelo convívio com as pesquisas sobre a forma específica de aprendizagem.

Referindo-se especificamente à assimilação das tecnologias de informação e comunicação (TICs), deparamo-nos novamente com os conceitos e princípios citados anteriormente, mas com algumas ressalvas. Ao

tratarmos de TICs, a questão material é evidenciada. De fato, não é possível aprender a usar determinada ferramenta tecnológica só por meio da vontade própria, da instigação. Faz-se necessário um acompanhamento, um treinamento, um mínimo de instrução. Daí surge a capacitação em EaD.

Destaco o que para mim foi primordial para uma adequada assimilação dessa “nova ação docente”, a postura de reconhecer-me como “aluno virtual”. Basicamente, as capacitações para a modalidade a distância envolvem uma conjuntura didático-metodológica que busca possibilitar ao professor uma efetiva atuação interventiva a distância. Sendo assim, algo imprescindível é colocar-se no lugar do aluno, não só entendendo, mas também vivenciando seu cotidiano e realidade nesta modalidade. Refiro-me às suas dificuldades, seus desafios, suas limitações. Segundo Martins (2008), é a partir dessa vivência efetivamente prática que a ação de mediar o conhecimento a distância torna-se mais concreto e, por consequência, mais eficaz.

Sendo assim, por mais que estejamos praticamente em sincronia com esse constante avanço tecnológico, não se pode afirmar que sua assimilação é algo simples. No caso da EaD isso é amplificado, visto que muitos dos alunos pouco conhecem acerca dessas TIC. Há casos de nem sequer usarem e-mail. Como proceder diante dessa realidade? Antes de qualquer coisa, é interessante que se respeite os limites de cada um. Não é porque determinado aluno não domina a tecnologia que ele não pode usufruir dela. Faz-se necessário então uma condução didática que estimule o aprendizado acerca dessas TIC. Afinal, se a modalidade de ensino procede veiculada por elas, como manter-se omissos ao seu aprendizado? O processo deve ser planejado de tal forma que ofereça um aprendizado gradativo, estando cada etapa do curso responsável pelo aprendizado dos alunos.

3. DESAFIOS DE UM PERCURSO POUCO CONHECIDO

Comumente, observa-se a associação entre a EaD e a questão tecnológica, principalmente no que se refere à utilização da internet. Entretanto, outros aspectos se fazem presentes em meio a essa relação, tal como não fazer do processo educacional uma mera relação verticalizada de transmissão de conhecimento. Frente a essa realidade, apego-me ao conceito de EaD trazido por Keegan e Holmberg (1991), que fundamenta o ensino a distância como uma estratégia educativa baseada na aplicação da tecnologia à aprendizagem, sem limitação do lugar, tempo, ocupação ou idade dos alunos. Implica novos papéis para os alunos e para os professores, novas atitudes e novos enfoques metodológicos.

Acerca dessa relação dicotômica entre educação e tecnologia, comungo do pensamento de Belloni (1999), que sustenta o valor da utilização de metodologias não presenciais no desenvolvimento e expansão do ensino superior. Em contrapartida, a tecnologia não deve tão somente ser aplicada ao processo, mas, sobretudo, ser integrada de forma sistemática e consciente.

Nessa perspectiva, se por um lado as instituições educacionais não podem deixar de integrar as novas tecnologias, sob o risco de tornarem-se obsoletas, por outro lado, não se pode pensar que tal integração possa ocorrer sem profundas mudanças na cultura educacional. Ainda com Belloni, é fundamental reconhecer a importância das TICs e a urgência de criar conhecimentos e mecanismos que possibilitem sua integração à educação.

O fato é que a relação entre tecnologia e educação requer princípios fundamentais que preparem e subsidiem a ideal constância do processo. Por isso a importância em reconhecer o aspecto do novo, a adaptação básica, e, no caso específico da EaD, a ambientação ao tempo-espaço virtual. Outro aspecto

importante está no desenvolvimento das habilidades necessárias ao aluno para o exercício profissional e atendimento das exigências específicas do público da EaD. Logo, é ingenuidade continuar depositando em simples capacitações a responsabilidade maior de educar com qualidade.

Tratando-se das habilidades inerentes ao processo de ensino a distância, parto do princípio de que, para sobreviver na sociedade contemporânea e integrar-se ao mercado, se faz necessário desenvolver uma série de capacidades que atendam ao contexto atual no qual o sujeito está inserido. Dentre elas, autogestão, resolução de problemas, adaptabilidade e flexibilidade diante de novas tarefas, comprometimento em assumir responsabilidades, de aprender por si próprio e constantemente trabalhar em grupo de modo cooperativo e pouco hierarquizado (BELLONI, 1999, p. 5).

Apesar do explicitado até agora, penso que nada se compara ao desafio relacional professor- aluno. Isso porque, neste contexto, fatores como motivação, incentivo e dinâmica, são fundamentais. Percebi que de pouco adianta transmitir o conhecimento sem a efetiva certeza de sua assimilação. E, nesse caso, o estado motivacional, acolhedor e seguro são pré-requisitos para uma boa trilha no percurso acadêmico virtual. A questão é que, nesse meio, existe uma grande dificuldade do aluno no acompanhamento do ensino, por mais que a tecnologia seja de última geração ou a abordagem docente seja quase que individualizada. Esta, por sua vez, nos remete à questão complexa que é a atuação do professor, que passa a ter múltiplas funções, como ser educador, comunicador, psicólogo e “técnico em informática”. O professor precisa de atualização constante, tanto nas metodologias de ensino quanto nas técnicas de comunicação, visando atender as necessidades de caráter pedagógico, didático e tecnológico.

Portanto, conforme afirma Belloni, um processo de ensino e aprendizagem centrado no

estudante é fundamental como princípio orientador de ações de EaD. Isso significa não apenas conhecer suas características socioculturais, conhecimentos, experiências, demandas e expectativas, mas integrá-las na concepção de metodologias, estratégias e materiais de ensino, de modo a criar condições de autoaprendizagem e, conseqüentemente, considerável autonomia. Fundamentalmente, na EaD, “a relação é do aluno para o professor e não ao contrário, ou seja, o aluno é que comanda o processo, estimulado permanentemente pelo professor” (1999, p. 54).

Sendo mais específico, algo que me inquietou bastante nos primeiros momentos na EaD foi o fato de haver uma cultura de “trabalhos mosaicos”, ou seja, aqueles montados a partir de recortes

– muitas vezes *ipsis litteris* – de outros colhidos na *web*. Porém, o que me deixou mais aflito foi a argumentação que alguns desses alunos apresentavam. Surpreende como eles se apoiam em fatores que deveriam servir como impulsivos, e não argumentativos. O que fazer para mudar a base, reestruturar o pilar de sustentação, modificar as equivocadas concepções, abranger a visão interpretativa das coisas quando neste nível?

Penso ser eficaz manter certa rigidez frente a fatos como estes. Por exemplo, nos primeiros momentos, ao me deparar com trabalhos simplesmente copiados, a avaliação do aluno era quase totalmente comprometida. Contudo, apesar da postura rígida em relação a determinadas situações, fui surpreendido por alguns pedidos de desculpas e auxílio para a feitura de um novo trabalho. Quando achava que estava sendo o “vilão” na disciplina, comecei a ser considerado um professor sério e responsável. Isso desencadeou a seguinte questão: Sou mesmo diferenciado ou o déficit estava tamanho que o essencial tomou maiores proporções? Ouso afirmar que foram as duas coisas. Em todo caso, foi bom saber que a rigidez (moderada) às vezes proporciona um “despertar dos alunos”. Constatei que a exigência compõe a

disciplina e ajuda na formação da responsabilidade, seja qual for a modalidade de ensino.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma das principais conclusões a que cheguei mediante esse período como professor a distância foi que, independentemente da modalidade de ensino, ser professor transcende o ambiente em que está atuando. Essa afirmativa encontra força nas palavras de Freire (1999), que diz que aquele que se dispõe a ensinar com responsabilidade e um mínimo de preocupação didático-pedagógica já pode ser considerado um educador, seja qual for o ambiente que compõe.

Esse reconhecimento teórico faz emergir outra premissa bastante difundida no meio da EaD. Concerne na afirmativa que, seja qual for a modalidade de ensino, a pedagogia sempre será a mesma. O que deve ser modificado (adequado) é o procedimento didático-metodológico. Ou seja, não é porque o ensino é a distância que o professor mudará seu procedimento pedagógico. A essência continuará a mesma, com seus valores, conceitos e princípios. Tal perspectiva remete a outra consideração pertinente sobre a qual venho defendendo. Acredito que uma das principais falhas da EaD no Brasil refere-se à formação dos professores atuantes.

Questiono a constante formação arranjada, improvisada, intensiva e superficializada. É extremamente complicado estar professor a distância sem um mínimo de segurança. Obviamente, não é impossível “entrar” em uma sala virtual e mediar o aprendizado. Entretanto, indubitavelmente, esta mesma mediação poderia ser amplamente otimizada se houvesse um extensivo período de formação, e não capacitação. Para melhor explicitar o que proponho, valer-me-ei da classe médica. Um recém-formado em medicina, via de regra, deve passar por um período de no mínimo um ano

de residência. A residência funciona como uma espécie de estágio de docência de um futuro acadêmico, uma prática de ensino do graduando. Daí surge a questão: O professor a distância passa por um período como este? Tem ele a oportunidade de aprender no âmbito virtual supervisionado, não se responsabilizando de imediato pelo processo de ensino-aprendizagem? Na teoria pode até ser, mas na prática a realidade é outra.

Acredito ser possível uma adequação curricular de todos aqueles cursos que oferecem a modalidade a distância, de modo que, se um licenciado em biologia quiser atuar como professor/tutor na EaD, terá de antes passar por uma formação de extensão oferecida pelo próprio curso onde fora formado, podendo ele inclusive optar por seu curso antes de graduar-se. No entanto, enquanto essa realidade não se modifica, ofereço as contribuições acima explicitadas, no intuito difundir e compartilhar o conhecimento vivenciado e lapidado com a própria prática.

DISTANCE LEARNING: UNVEILING THE VIRTUAL TEACHING PRACTICE

Abstract

This article aims to implement and disseminate important concepts and principles that could be identified from the distance teaching practice. Through a process of pedagogical-didactic interaction with students and educators, we found different impressions of this type of education, referring primarily to aspects of adaptation to the virtual; assimilation of information and communication technologies, and the teacher-student relationship itself. Drawing on studies on the topic, critically reflective and presents suggestions on how to overcome common obstacles and inherent in the initial

period of teaching practice distance. This is an experience report, anchored in the intervention methodologies that addresses teaching distance, researched and disseminated in the literature. In a conclusive study, are flagged considerations in order to contribute to the optimization of virtual teaching practice.

Keywords: Distance education. Teacher. Teaching practice.

EL APRENDIZAJE A DISTANCIA: DEVELAR LA PRÁCTICA DOCENTE VIRTUAL

Resumen

Este artículo tiene como objetivo implementar y difundir conceptos y principios importantes que podrían ser identificados a partir de la práctica de la enseñanza a distancia. A través de un proceso de interacción pedagógica - didáctica con estudiantes y educadores, encontramos diferentes impresiones de este tipo de educación, refiriéndose principalmente a los aspectos de adaptación a lo virtual, la asimilación de las tecnologías de información y comunicación, y la relación profesor- alumno en sí. Basándose en los estudios sobre el tema, la crítica reflexiva y presenta sugerencias sobre cómo superar los obstáculos comunes e inherentes en el período inicial de la distancia de la práctica docente. Se trata de un relato de experiencia, anclado en las metodologías de intervención que se ocupa de la enseñanza a distancia, investigado y difundido en la literatura. En un estudio concluyente, son consideraciones marcados con el fin de contribuir a la optimización de la práctica de la enseñanza virtual.

Palabras clave: Educación a distancia. Maestro.
La enseñanza práctica.

REFERÊNCIAS

ALVES, J. R. M. A história da EAD no Brasil. In: LITTO, F. M.; FORMIGA, M. M. M. (orgs.). *Educação a Distância: o estado da arte*. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009.

AMARAL, V. L. *Tão Longe, tão perto. Experimentando o diálogo à distância*. 2002. Tese. (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.

BELLONI, M. L. *Educação à distância*. 2ª edição. Campinas, SP: Autores Associados, 2001.

FREIRE, P. *A Educação como Prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

KEEGAN, D.; HOLMBERG, B. *Distance Education International Perspectives*. London: Routledge, 1991.

NUNES, I. B. A história da EAD no Mundo. In: LITTO, F. M.; FORMIGA, M. M. M. (orgs.). *Educação a Distância: o estado da arte*. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009.

MARTINS, O. B. *A Formação de Professores em Educação a Distância: os desafios de uma travessia*. Intersaberes (Facinter), v. 3, p. 25-27, 2008.

MORIN, E. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Cortez; Brasília: Unesco, 2000.

Enviado em 14 de novembro de 2013.

Aprovado em 24 de janeiro de 2014.